

IMAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERCURSOS DE PESQUISA

Leandro Belinaso Guimarães

Universidade Federal de Santa Catarina
lebelinaso@gmail.com

Davi Henrique Correia de Codes

Universidade Federal de Santa Catarina
davidecodes@gmail.com

Resumo

O artigo articula duas pesquisas, uma de pós-doutorado e outra de mestrado, para discutir os modos como imagens sobre o ambiente atuaram em seus escritos. A partir de aportes teóricos e práticos advindos dos estudos culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, sobretudo operando com os conceitos de “dispositivo” (Michel Foucault) e de “ficção” (Jacques Rancière), o artigo inicia apresentando resultados de estudos anteriores que examinaram como o “dispositivo da sustentabilidade” circunscreve, no tempo presente, maneiras de ver, de enunciar, de ler e de produzir imagens sobre o ambiente. Em seguida o texto desdobra cada uma das pesquisas, traçando seus percursos de encontro com as imagens. A primeira investigação lidou com imagens veiculadas na mídia impressa sobre a temática da sustentabilidade, examinando seus *clichés* mais estridentes. A segunda criou imagens cinematográficas experimentais a partir de uma coleção, de um arquivo pessoal de registros narrativos escritos, orais, fílmicos, fotográficos e poéticos sobre um local específico do litoral brasileiro. A partir da fábrica artesanal da pesquisa, da criação metodológica, educação, imagem, cultura e ambiente entrelaçaram-se no ensaio. Houve um esforço, nos dois estudos colocados em articulação no artigo, por criar outros modos de pensar a relação entre educação e ambiente, para além do que já está pensado para nós através das linhas mais endurecidas e evidentes do “dispositivo da sustentabilidade”.

Palavras-chave: Educação ambiental; Estudos culturais; Imagem; Sustentabilidade.

Abstract

The article articulates two investigations conducted by a team of researchers at Santa Catarina Federal University in the South of Brazil. The first one is a postdoc and the other is a Master of Education. Both of them discuss how the images of the environment have been used in their analyses. The theoretical and practical contributions come from the Cultural Studies in their poststructuralist strands, especially working with the concepts of "dispositive" (Michel Foucault) and "fiction" (Jacques Rancière). The article starts by presenting results of previous studies that examined how the "dispositive of sustainability" has produced images of the environment at the present time. After that, the text explores each research. The first investigation has examined how the images of sustainability have appeared in some the journalistic media in Brazil. The second research created experimental and cinematic images from a personal archive of narratives, about a specific location on the Brazilian coast. In both of them education, image, culture and environment have been articulated. There was an effort in the two studies to create other ways of thinking about the relation between education and the environment, beyond what is already thought to us through the "dispositive of sustainability".

Keywords: Environmental education; Cultural studies; Image; Sustainability.

Este artigo apresenta a trajetória de duas pesquisas que enfocam a relação entre educação, cultura, ambiente e imagem. Privilegiamos no presente texto a discussão a respeito de como lidamos com imagens nas pesquisas. Como analisar e produzir imagens que versam sobre o ambiente tem sido uma questão importante para nosso Grupo de Pesquisa, conhecido como "Tecendo"¹ e sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, localizada em Florianópolis, na região sul do Brasil. Também nos movimenta pensar como fazer as imagens que pesquisamos atuarem

¹ Conheça nosso Grupo de Pesquisa curtindo sua *fanpage*: [facebook.com/tecendo](https://www.facebook.com/tecendo)



em práticas pedagógicas, sejam elas na formação inicial ou continuada de professores ou, ainda, com públicos diversos em espaços não-formais de ensino. Esta última questão deixaremos de abordar neste artigo. Privilegiamos a primeira e esperamos poder contar um pouco aos leitores e às leitoras como temos pesquisado com imagens.

Nos últimos dois triênios {2007-2009 e 2010-2012}, nosso coletivo, sobretudo através das pesquisas de seu coordenador, esteve envolvido em examinar o que denominamos como “dispositivo da sustentabilidade”. Desde 2007 esteve sob o escopo de algumas de nossas investigações um amplo conjunto de artefatos midiáticos, sobretudo textos jornalísticos. Nos últimos anos, desde 2010, nossa atenção esteve mais voltada para as imagens circulantes pela mídia impressa e que versam sobre o tema da sustentabilidade. Enfocamos, aqui, primeiramente, alguns achados dessas investigações anteriores, notadamente os que nos permitiram compreender um pouco os modos como vem atuando na cultura o “dispositivo da sustentabilidade” – através de seus incisivos e sedutores modos de demarcar, no tempo presente, maneiras positivas de nos relacionarmos com o ambiente.

Após fazermos isso, tecemos considerações, na primeira seção do artigo, sobre a pesquisa que examinou imagens de sustentabilidade veiculadas na mídia impressa brasileira². Depois, adentramos uma pesquisa de mestrado que produziu imagens experimentais e cinematográficas sobre as relações socioambientais de uma região litorânea do nordeste brasileiro. Por fim, já na conclusão do artigo, fazemos alguns chamamentos para as relações entre os dois estudos postos em articulação no texto.

O “Dispositivo da Sustentabilidade” em Questão

Entre os anos de 2007 e 2009, o primeiro autor do artigo desenvolveu a investigação intitulada “O valor econômico da sustentabilidade ensinando a ser ambientalmente correto”. A pesquisa teve como objetivo compreender em que direções a sustentabilidade ambiental vinha sendo constituída e ensinada nas reportagens veiculadas por um dos principais jornais brasileiros: “O Estado de São Paulo”. Foram coligidas, catalogadas e colecionadas todas as reportagens sobre

² Pesquisa financiada pela CAPES através da concessão de uma Bolsa de Pós-Doutoramento, que permitiu ao pesquisador trabalhar seis meses junto ao Centro de Estudos e Documentação Latino americano (CEDLA), da Universidade de Amsterdã.

sustentabilidade deste jornal desde 2007 (a coleção seguiu até 2012 e foi utilizada inúmeras vezes em práticas pedagógicas em educação ambiental). A pesquisa concluiu, como argumento central, que está em operação na cultura do nosso tempo uma transformação nos modos de ver os seres humanos em suas relações com o meio ambiente.

O estudo centrou-se em analisar e discutir duas questões que se organizaram a partir da sistematização dos resultados da pesquisa: 1) como se ensina a ser “verde” *nestas e através destas* reportagens; 2) como vem se constituindo a passagem, nas narrativas ambientais do nosso tempo, do ser humano como um intruso no planeta para um ser humano visto como seu aliado.

Parece-nos interessante destacar algumas perguntas que estiveram sob a preocupação do pesquisador no desenvolvimento desta investigação. As notícias estariam sendo formuladas a partir de quais interesses, com quais endereçamentos, com quais contornos políticos? E mais: quais políticas estariam sendo desencadeadas através das reportagens sobre sustentabilidade ambiental veiculadas nos cadernos econômicos dos principais jornais brasileiros? Quais projetos empresariais têm sido noticiados, com que ênfases? Com quais intencionalidades editoriais tais notícias são constituídas?

A partir destas indagações um conjunto amplo de reportagens foi selecionado. Tais notícias, longe de reportarem práticas desencadeadas por demandas sociais crescentes, instituem, produzem, criam novos modos de vida chamados “verdes”. Argumentamos através da investigação que não há um público “verde” anterior aos discursos sobre a sustentabilidade ambiental, mas que são eles [os discursos] que produzem novas formas de estar no mundo, no qual consumir produtos certificados como “verdes”, por exemplo, torna-se importante, necessário e politicamente correto. Se os humanos foram vistos no decorrer da segunda metade do século XX (e ainda hoje) como intrusos no planeta, agora podem se enxergar como aliados ao, entre outras práticas, consumirem produtos “verdes”. É, inclusive, através das certificações e dos selos emitidos por agências transnacionais que a rede de produção sustentável é movimentada, criando no mundo uma subjetividade ativada por valores econômicos “verdes”.

Agora podemos comprar carros “verdes”, ler livros e revistas ambientalmente corretas, nos hospedarmos nos hotéis que estão atentos à sustentabilidade de suas práticas, termos conta em bancos que primam pela ecologia. Enfim, a essas



reportagens conecta-se um leitor que passa a estar (e a se ver) inserido em uma dinâmica de *novos* negócios e de *novos* valores econômicos chamados “verdes”. Tais valores (que produzem um sujeito ambientalmente responsável, um consumidor “verde”) são construídos em nossos tempos atuais como sintonizados com a proteção e o cuidado ambiental do planeta. Importante é ver, também, o caráter global, planetário, dessa construção, marcando, ao mesmo tempo, sua atualidade e sua jovialidade, ou seja, ser “verde” é estar *ligado* com o seu tempo. Entretanto, mais do que a produção de um ser humano (de uma subjetividade “verde”) dotado de valores amigáveis com relação ao planeta, o que está também em jogo é a conexão indelével desse humano às prerrogativas de um mercado que está se revitalizando, se renovando e se expandindo lucrativamente. Somente, quiçá, tornando-se um consumidor “verde”, aderindo aos valores econômicos da sustentabilidade, é que se poderá perpetuar a vida que corre riscos de ser extinta. Tal como nos diz Peter Pál Pelbart (2003), no Império (nessa nova reconfiguração do capital, tal como foi nomeada por Antônio Negri e Michael Hardt) “é a própria vida que é visada, no seu processo de produzir e de reproduzir-se” (p. 82). Ser “verde” seria lutar pela própria manutenção da vida. É nessa contundente penetrabilidade subjetiva que tais valores econômicos vitalizam o próprio capital. É todo este processo que estamos chamando de “dispositivo da sustentabilidade³” (Guimarães, 2012 e Sampaio e Guimarães, 2012).

Todos os aspectos salientados acima, e abertos pela pesquisa do triênio anterior (2007 a 2009), reforçaram a necessidade de adensamento dessas questões no triênio seguinte (2010 a 2012). E nos últimos anos (incluindo 2013) mergulhamos no exame das imagens⁴ que acompanham as textualidades midiáticas construídas através do “dispositivo da sustentabilidade”.

Antes de continuar, gostaríamos de dizer que até aqui fizemos a marcação do entendimento que construímos sobre os processos que estão em jogo no “dispositivo da sustentabilidade”. Alertamos que não esgotamos todas as linhas atuantes no enredamento socioambiental que se produz na cultura a partir deste dispositivo. Há, certamente, linhas outras de tensão que se depreendem de suas costuras mais duras

³ Sobre o conceito de dispositivo ver Fabiana Marcello (2009), Shaula Sampaio e Leandro Guimarães (2012) e Michel Foucault (2007).

⁴ Artigos derivados da pesquisa sobre imagem e ambiente foram publicados em Revistas da área da Educação no Brasil (Guimarães, 2013, 2014 e Guimarães e Wortmann, 2014).

e evidentes. Linhas que uma multidão, através de inúmeros ativismos contemporâneos, se esforça em compor.

Passamos, agora, a focar os modos como a primeira pesquisa posta em articulação neste artigo lidou com as imagens de sustentabilidade veiculadas na mídia impressa brasileira. Menos envolvidos em mapear seus significados, suas leituras por diferentes audiências ou mesmo investigar seus processos de produção, compartilhamos a seguir um pouco do que estivemos mais em busca nos últimos anos: um modo singular de fazer as imagens atuarem na pesquisa provocando encontros poéticos delas (mesmo que repletas de *clichês*, de lugares comuns, de significações já exaustivamente circulantes pela cultura) com as palavras.

Traçados Metodológicos da Pesquisa com Imagens Midiáticas

Durante quase toda sua vida, o pesquisador, primeiro autor deste artigo, foi um leitor voraz de jornal impresso, desde os tempos de escola em que o caderno de “cultura” (com as notícias de televisão, cinema, horóscopo, música) era colecionado a partir do diário que seu pai assinava: “O Estado de São Paulo”. E em 2007, ano de conclusão do seu doutorado, ele retomou a assinatura do mesmo jornal que habitou por tantos anos suas casas no decorrer da infância e da juventude. Teria sido para retomar um costume aprendido e compartilhado com seu pai? Ou simplesmente a ideia de colecionar recortes de jornal era algo que ele gostaria de voltar a experimentar, quem sabe apenas para usar notícias em aula?

Uma prática cultural cada vez mais em desuso: esta de receber um jornal impresso na porta de casa e destinar uma hora do dia para sua leitura. Hoje, as reportagens são consumidas, majoritariamente acreditamos, como as músicas: avulsas, elegidas no ato de zapear o vasto mundo da Internet. Talvez, não ter acesso ao disco, nem ao conjunto dos editoriais de um jornal, nos faça esquecer os contextos, as escolhas políticas e poéticas, os linguajares eleitos, as seleções temáticas, as composições estéticas e culturais que perpassam a vida cotidiana e presente de um jornal e de uma banda de rock. Por outro lado, amplia-se com a Internet o acesso a fontes variadas, o que nos facilita escolher quem desejamos ler sobre determinado assunto (ou nos permite confrontar textos variados sobre um mesmo “fato jornalístico”). E mais, podemos escrever e divulgar, nós mesmos, notícias.

Ao assinar o jornal que já foi do seu pai, o pesquisador pode ver que a temática da sustentabilidade habitava semanalmente o caderno de Negócios (veiculado



conjuntamente com o de Economia) do “Estadão”. Ali surgia um tema de pesquisa e uma pergunta perturbadora: por que a sustentabilidade ambiental ganha espaço na editoria de negócios e de economia e não no caderno sobre as “cidades” ou sobre os “cotidianos”? Esta questão sobre a agenda política e editorial das notícias sobre sustentabilidade no jornal em questão consumiu o primeiro triênio da pesquisa que comentamos na seção anterior.

Entretanto, o simples ato de colecionar nos abre inúmeras outras perguntas. Não é só o jornal que se move ao longo do tempo, mudando os modos de veicular notícias sobre sustentabilidade, criando e extinguindo cadernos específicos sobre o tema; nós também vamos alterando nossas vontades, aguçando outros olhares, nos movimentando a partir de outras atenções. E em 2010, na abertura de um novo triênio de pesquisa, as imagens publicadas no jornal, acompanhando as notícias sobre sustentabilidade, passaram a ser o foco do estudo. A coleção feita de 2007 a 2012 das notícias sobre sustentabilidade do jornal “O Estado de São Paulo” permitiu ao pesquisador perceber constâncias nas imagens (como as inúmeras que focam em primeiro plano rostos de pessoas associadas ao mundo do mercado e dos negócios) e inúmeras variações nas formas de composição das textualidades imagéticas (fotografias, ilustrações, desenhos). Como lidar com a profusão de imagens da coleção (arquivadas em pastas, até então com o critério único de versarem sobre sustentabilidade)?

Colecionar e ler tudo que se guardou foi tarefa fácil, já o movimento de agrupamento das imagens (e por consequência, das notícias) foi o mais difícil (mais do que escrever sobre/com elas). A escolha metodológica foi produzir séries de imagens e sobre/com elas escrever um ensaio. Uma questão movimentava a escrita e ela se derivava do nome que se dava à série. Sem dúvida um protocolo arbitrário e, quiçá, um pouco rígido, mas que permitiu ao pesquisador não só inventar séries de imagens, como escrever ensaios sobre/com elas. Não lhe interessou mapear e/ou catalogar todas as imagens e escrever apenas sobre/com aquelas mais recorrentes, mais evidentes, mais estatisticamente visíveis. O critério foi perguntar a si mesmo: esta série convoca o pesquisador com vigor à escrita? Só o ato de criação das séries já supunha que aquelas eram as imagens (as que adentravam as sequências) importantes ao estudo.

O ato de produzir séries se conectou, portanto, à vontade de escrita que elas produziam no pesquisador. Assim, por vezes, o que se desejava escrever acabou

determinando a montagem de uma série, outras tantas vezes foram elas mesmas que o levaram a escrever. Séries foram deixadas de lado e também inúmeros pequenos rabiscos soltos. Ou, quem sabe, foram apenas rascunhos o que foi possível escrever.

Um ensaio foi composto a partir de apenas uma imagem, o que fez o pesquisador parecer infiel à própria metodologia que havia inventado. De qualquer forma, trata-se de uma imagem de capa que inaugurou um caderno mensal sobre sustentabilidade: uma série portanto. Escrever sobre esta imagem, especificamente, foi como se abordasse todo um conjunto. Por isso, acreditamos que a ideia metodológica posta em jogo na pesquisa ainda estava viva. Sempre foi dado nome a elas. Um dos que mais gostamos foi “a monetarização da vida”, uma série de duas imagens em que moedas e cédulas de dinheiro tecem corpos “vivos” de plantas. Ou a série “rostos”, a mais longa (com mais imagens), a primeira que foi montada.

Em cada ensaio foi experimentado um modo de escrita variado. Não foram tantos assim. Afinal, pensar exige esforço. Ter que lidar com as nossas limitações tanto teóricas como ensaísticas não é nada simples. Mas através dos ensaios podemos movimentar pensamentos a respeito da questão da sustentabilidade de um modo que não conseguiríamos sem aventura alguma, sem infidelidades a uma ideia maior que nos seduz, sem antes experimentar – em meio à poeira da fábrica artesanal do ensaio, da pesquisa, da criação metodológica, da aula – leituras, palavras, séries, imagens, conceitos, encontros tecidos no cotidiano da vida.

Entre Imagens e Escrita: Encontros e Movimentos com o Cinema, Cultura e Ambiente

Ainda pensando nos diferentes modos que podemos articular as imagens às investigações em educação ambiental, apresentaremos uma trajetória de pesquisa de mestrado⁵ que articula culturas e ambiente através da criação de imagens cinematográficas experimentais e suas ressonâncias em poéticas textuais escritas. Em um entrelaçamento entre imagens, culturas e ambiente, este estudo propõe-se a pensar em novos modos de olhar e de relacionar-se com a educação através da/com a imagem. Ele foi iniciado em encontros com pescadores do município de São Francisco do Conde, na Bahia, estado da região Nordeste do Brasil, desde o ano

⁵ Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa em Educação e Comunicação, da Universidade Federal de Santa Catarina, com financiamento da CAPES.



2010. Contatos e experiências com os pescadores permitiram a construção de um vasto arquivo de narrativas orais e fotográficas sobre suas relações socioambientais. Na etapa do mestrado, o pesquisador, segundo autor do artigo, revisitou seu acervo para criar, com o mesmo, alguns audiovisuais experimentais tecendo com eles alguns escritos poéticos.

Desde a Bahia, cursando a Licenciatura em Ciências Biológicas, o interesse pelas questões ambientais em seus encontros com as práticas culturais mostrava-se pulsante. Uma juventude vivida em constante relação com o mar, na cidade de Salvador, fez gerar o embarque para a praia de São Francisco do Conde/BA para a realização de suas pesquisas e, mais tarde, para Florianópolis/SC, para cursar o mestrado.

Junto às dimensões subjetivas presentes no cerne do trabalho, as trajetórias de vida dos pescadores de São Francisco do Conde proliferaram as conexões, aproximações e distanciamentos necessários que seriam de suma importância para se pensar as relações entre culturas e ambiente. Incitou-nos pensar, então, a confecção de audiovisuais que buscassem versar estes (des)encontros. Não tivemos a preocupação de informar, nas imagens em movimento criadas, como verdadeiramente viviam/vivem aqueles pescadores, mas fazer ecoar as experiências que com eles tivemos. Neste processo subjetivo de criação, intentou-se, ainda, para além da produção de um vídeo informativo sobre certo modo de viver junto ao mar, provocar através das/com as próprias imagens sensações e experiências naqueles que assistem aos audiovisuais.

A pesquisa se processou com a operação de alguns conceitos advindos dos pensamentos pós-estruturalistas. São eles: *afeto* (Machado, 1990; Gleizer, 2005; Lopes, 2013), *ficção* (Rancière, 2009) e *dispositivo* (Foucault, 2003). E foi inspirada também por imagens, fotográficas e cinematográficas, que atravessaram o pesquisador ao longo do desenvolvimento da pesquisa despertando referências afetivas e sensoriais.

Os modos escolhidos para realização desta investigação podem ser pontuados em três diferentes etapas: 1) as aproximações com os artefatos artísticos e culturais que afetam o pesquisador e o inspiram à criação: músicas, poesias, literaturas, e aqui mais detidamente, os efeitos advindos das imagens; 2) a confecção experimental de enredos ficcionais cinematográficos tanto em linguagem visual (os audiovisuais) quanto em linguagem escrita (os ensaios poéticos que se derivam das imagens); 3)

uma produção escrita que avalia o processo da pesquisa contendo ecos dos encontros com ambas as etapas, tanto dos artefatos encontrados, quanto dos recriados e inventados.

Acerca destas escolhas de realizar a pesquisa, não apenas nos encaminhamentos estéticos de produção textual escrita, mas sobretudo visual, é que quatro curtas-metragens foram produzidos de maneira experimental. São imagens que narram por si as possibilidades dos encontros com o lugar, encontros entre pesquisador e pescador, encontros entre culturas, encontros entre imagens fixas e móveis, encontros entre educação, culturas e ambiente.

Quais os efeitos reverberados pelas imagens que tocam esta pesquisa? Quais e para onde navegam seus ecos? A partir destas perguntas é que este estudo articulou diferentes modos de narrar encontros cotidianos. A pesquisadora Alik Wunder (2009) nos convida a pensar sobre a força de expansão a que as imagens nos impele enquanto esforço de obtenção de sentidos junto à elas: “no interior do desejo de captação dos sentidos por imagens, efetua-se a força de expansão e invenção” (p. 08). Expansão essa que nos movimenta a inventar e expandir junto à imagem. Para Wunder (2010), as imagens, a exemplo das fotografias, possuem uma potencialidade inerente:

“A potência que me movia, era justamente do inominável, dos sentidos em constante escape e desconexão. Mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui uma força outra, efetua em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes, em tênues expressões e deixa a abertura para sentidos não determinados”. (p.04)

Trouxemos como exemplo, uma imagem obtida na cidade de São Francisco do Conde e junto a ela, um fragmento textual escrito. Tal escrita não deve ser encarada como legenda ou sequer complementação da imagem, tendo ela própria sua textualidade. O importante de ser destacado é que o texto escrito surge da imersão atrativa a que a imagem convida seu espectador e faz gerar, em meio à sua “potência” imagética, outras sensações e afetos nesse movimento de leitura da imagem e produção de escrita que com ela é disparada.



“Sereia que canta na água doce, que canta na água salgada, sereia que seduz os pescadores para o fundo do mar é a mesma sereia que revela riquezas no mar para o sustento do homem. Gostar dela, ter medo dela. Quem é a senhora do mar? Quem é a dama do mar? Quem é a senhora do mangue? Quem é a dama do mangue? Quem é o preto/velho, preto e velho homem velho e também preto que carrega na boca, entre tantas baforadas, o charuto arcaico de conteúdo do mundo? Há tudo em seu charuto e ao mesmo tempo não há nada. Há o conteúdo do mundo e o velho preto homem traga o mundo. Vive com prazer. Vive o prazer, o gozo, o festejo, o lúdico e o onírico para entre jogos, confundir, fazer rir de medo e amedrontar de alegria os pescadores atentos... à ele. Quais aproximações encontramos entre uma mata e um mangue, para além de sua flora e sua fauna? Qual a dimensão afetiva que une essas duas paisagens? Me lembro do phatos, da paixão dos patetas, dos patéticos, a patologia que se expressa para além do paladar. A paixão pela vida que cria e inventa histórias, ou não são meramente invenções? É a natureza, é o ambiente impregnado de humanidades. Proteção de ambos, sintonia difusa que se enlaça, se tece, principalmente na mente, mas no corpo também. Amedrontar-se, mas com amor, deixar lá ficar, ficar lá, mesmo que com medo, mas amar. É o

*ambiente que nos cria, é o ambiente que nos inventa e é no ambiente que recriamos e é no ambiente que inventamos o mundo”.*⁶

Junto a este exemplo, direcionamos nossos esforços para pensar para além da imagem fixa da fotografia, mas mantendo o movimento de escrita junto às imagens. Nesta pesquisa, direcionamos nossa mirada às imagens em movimento, inclusive, como capazes de nos atrair e produzir encontros pela sua “potência” imagética. Sendo o contexto de produção e composição do cinema diferente da fotografia, não deixamos de nos ater aos demais elementos que compõe a produção cinematográfica, contida de outras linguagens como: a sonoridade, os signos linguísticos da fala, escrita, narratividade, entre outros elementos. Todavia, consideramos também estes outros elementos linguísticos como relevantes neste movimento de expansão e invenção apontada por Alik Wunder, tomando-os como outros dispositivos para que se opere o que chamamos de “atmosfera de imersão” na imagem cinematográfica.

Desde sempre houve a apreciação e assistência de diferentes filmes de diferentes gêneros do cinema, e daí partem reflexões sobre a pesquisa com a imagem e o interesse em realizar uma pesquisa que misturasse sensações visuais, enredos e formas de narrativas. Dentre alguns exemplos de filmes que compuseram este acervo inspirativo citado, temos: *Born into brothels: Calcutta's Red Light Kids*⁷ e *Narradores de Javé*⁸ que são exemplos de produções cinematográficas que transportam os pensamentos da pesquisa para a dimensão da criação autoral, além de levantar inúmeras possibilidades de análises de seus conteúdos e efeitos afetivos, através da narrativa, da imagem, do jogo entre ficção e realidade, da formação dos sujeitos e das metodologias de pesquisa. Estes e outros aspectos destes dois filmes foram percorridos no trabalho de Barzano (2013). Outro exemplo cinematográfico-inspirativo está na obra *Mutum*⁹, adaptação da obra literária “Campo Geral” do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, abordada nos escritos de Amorim (2013). Ou ainda, através

⁶ Fotografia sem título, de Davi Codes. Prosa intitulada *A invenção de nós*, escrita no dia 07/04/14, de autoria do mesmo, em sua prática de escrita livre em caderno pessoal.

⁷ *Born into brothels: Calcutta's Red Light Kids*, dirigido por Ross Kauffman, Zana Briski. EUA, 2004.

⁸ *Narradores de Javé*, dirigido Eliane Caffé. Brasil, 2003.

⁹ *Mutum*, dirigido por Sandra Kogut. Brasil e França, 2007.



dos caminhos percorridos pelo personagem caminhante na obra *Transeunte*¹⁰, no qual alguns dos pensamentos sobre o filme foram realizados por Denílson Lopes (2013), em sua análise atenta, dentre outros elementos, aos efeitos e operações do conceito de *afeto*.

Outras tantas obras cinematográficas também foram elegidas como referenciais de pesquisa, não necessariamente possuem essas abordagens analíticas conceituais de suas imagens e sensações transmitidas. Porém, fizeram e fazem parte da pesquisa, na qual se inicia os acessos na “atmosfera de imersão” na imagem cinematográfica que nos fez disparar novos pensamentos e nos convidou a pensar a articulação entre cultura e ambiente com uma “potência” semelhante à das fotografias, capaz de atuar como um novo “dispositivo”, movimentando afetos e produções textuais escritas.

Neste ímpeto é que a partir de inúmeras fotografias e filmagens dos encontros em São Francisco do Conde, é que fizemos os quatro curtas-metragens com diferentes direcionamentos e enredos, assumindo nessa perspectiva, embasamento no conceito de *ficção*, a partir dos escritos de Rancière (2009; 2010), a exemplo do que ele aponta como um conceito que designa:

“... certo arranjo dos eventos, mas também designa a relação entre um mundo referencial e mundos alternativos. Isso não é uma questão de relação entre o real e o imaginário. Isso é questão de uma distribuição de capacidades de experiência sensorial, do que os indivíduos podem viver, o que podem experimentar e até que ponto vale a pena contar a outros seus sentimentos, gestos e comportamentos”. (2010, p. 79)

Nesta perspectiva, estremecem-se modos de se relacionar e olhar para/com a imagem, possibilitando novas potencialidades de uso e criação. Ainda com esse autor, surgem possibilidades de pensar a obra, a imagem, mais especificamente estes audiovisuais que produzimos, como uma obra que possui uma autoria própria e viva, independente do seu contexto de criação, capaz de criar “atmosferas de imersão” e sentidos próprios em meio aos seus próprios enredos e metabolismos, numa dispensa de legendas, escritos elucidativos da obra, seus sentidos ou seu processo de edição.

¹⁰ *Transeunte*, dirigido por Eryk Rocha. Brasil, 2010.

Linhas Inconclusivas...

Com este artigo procuramos mostrar trajetórias de pesquisa com imagem na educação ambiental em seus encontros com as perspectivas pós-estruturalistas dos estudos culturais. Se na primeira investigação o esforço foi ir mostrando alguns modos de atuação do que os autores chamaram de “dispositivo da sustentabilidade” além de comentar como as imagens atuaram no estudo, a segunda busca fugir deste “dispositivo, ou seja, deseja a proliferação, com a criação de imagens e de escritas poéticas com as mesmas, de outros sentidos e sensações através dos encontros entre imagem e palavras. Essa é a nossa aposta tanto poética como política à educação ambiental e à formação de professores.

Entendemos que as potencialidades de uso das imagens não se restringem a uma dimensão apenas estética, mas também em suas capacidades de movimentar *afetos*. Em resumo, os percursos apresentados pelas pesquisas postas em articulação no artigo mostram processos metodológicos criados para dar voz e vez às imagens, para com elas escrever, para com elas abrir mundos, criar ambientes. Pesquisas que se constituem à medida que se navega. Estudos que se deixam habitar pelas culturas de pescadores, de leitores de jornal e de pesquisadores em educação. Há inúmeras possibilidades de agir no mundo. Escolhemos atuar com as imagens, nem que seja para esgotá-las, esvaziá-las ou, então, criá-las, potencializá-las. Neste movimento esvaziamos e criamos a nós mesmos sem cessar, tal como as ondas do mar que chegam e vão!

Referências Bibliográficas

- Amorim, A. C. (2013). Três Crianças a compor um plano para o currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 411-426, set./dez.
- Barzano, M. A. L. (2013). Narradores de Javé e Nascidos em Bordéis: propulsões para debater educação ambiental. In: L. B. Guimarães, L. E. Guido, G. Scareli. *Cinema, educação e ambiente*. Uberlândia: EDUFU.
- Foucault, M. (2003). Sobre a história da sexualidade. In: L. B. Guimarães, L. E. Guido, G. Scareli. *Microfísica do poder*. Introdução, organização e tradução Roberto Machado. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa e a Afetividade Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



- Guimarães, L. B. (2012) Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: K. Saraiva; F. de A. Marcello (Org.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: Editora da ULBRA.
- Guimarães, L. B. (2013) A sala de aula em cena: imagem e narrativas. *Leitura: Teoria & Prática*, v. 31, p. 113-123.
- Guimarães, L. B. (2014). Como lidar com os pensamentos passageiros que nos atravessam. *Linha Mestra* (Associação de Leitura do Brasil), v. 24, p. 86-95.
- Guimarães, L. B & Wortmann, M. L. (2014). Educação Ambiental e Estudos Culturais: pesquisas desde o Sul do Brasil. *Pesquisa em Educação Ambiental* (Impresso), v. 9, p. 24-37.
- Lopes, D. (2013). Afetos Pictóricos ou em Direção a Transeunte de Eryk Rocha. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 255-274, maio/agosto.
- Machado, R. (1990). *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Graal.
- Marcello, F. de A. (2009). Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, p. 226-241.
- Pelbart, P. P. (2003). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.
- Rancière, J. (2009). *A partilha do sensível. Estética e Política*. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo : Editora 34.
- Rancière, J. (2010). O Efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86. Tradução de Carolina Santos. Março.
- Sampaio, S.; Guimarães, L. B. (2012). O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva* (UFSC), v. 30, p. 395-409.
- Wunder, A. (2009). Uma Educação Visual por entre Literatura, Fotografia e Filosofia. *Políticas Educativas*, v. 3, p. 65-78.
- Wunder, A. (2010). Fotografias, restos quase mortais. In: A. C. R. Amorim; S. D. de O. Gallo, W. M. de Oliveira Júnior, (Org.). *Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e... Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...* Petrópolis: DP et. Alii Editora.